

RAZÃO

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 20 do 1.º Ano

Director e Editor, Dr. David d'Olveira

Redacção e Administração, Rua da Liberdade, 94

Guimarães, 13 de Maio de 1923

Comp. e impressão, Empresa de Publicidade - FAPP

Não ha duvida!...

A grande maioria da população portuguesa é católica. Isto diz-se por si a propósito e a despropósito de tudo e põe-se em normando nas gazetas, quando se quer acusar a Republica de anti-catolica.

Desde os diários monarchicos da capital até aos mais modestos semanarios da provincia, disto se tem feito cavallo de batalha para ataques ao regime e aos seus adeptos, com os fins que todos conhecemos e que falharam miseravelmente.

Mas não é isso que agora nos importa, e, por isso, adeanté.

Sendo a grande maioria da população portuguesa catolica, ela segue inegalavelme a moral imposta pelo catolicismo; sugere-se aos preceitos catolicos em toda a sua extensão e, assim, tem de sujeitar-se aos seus preceitos morais. Ou a logica é...

E se se sugere a esses preceitos, ela, a grande maioria da população portuguesa, está sempre pronta a combater o mal, venha ele donde vier, e dá de comer ao faminto e de beber ao sedento; veste o nú e por todos os modos evita, e, não podendo evitar, mitiga, as misérias e as dores dos seus semelhantes.

E se se sugere a esses preceitos, ela, a tal grande maioria, nem rouba nem deixa roubar, nem explora nem permite a exploração, nem especula nem consente que se especule; nem... mas, eu sei lá quando acabariam

os nens que vinham a proposito; decerto, nem a tinta chegaria.

¿ Ora, o que vemos nós por essa terra fóra, de norte a sul e de este a oeste?

¿ Vemos, porventura, a afirmação palpavel, categorica, de que a moral catolica campeia e de que a nação, a grei, a segue á risca e lhe obedece inteiramente?

¿ Vemos a prática dos bons costumes e a observancia do respeito mutuo e do auxilio reciproco?

¿ Vemos, ao menos, a mais leve afirmação dessa fraternidade, que enche as mais belas paginas dos livros sagrados do catolicismo?

Infelizmente, não; nada disso se vê. Em compensação, vê-se o... contrario. Casas de caridade que fecham por falta de recurso, instituições de beneficencia que solicitam o auxilio dos governos, e outras provas cabais de que a grande maioria da população portuguesa vive muito afastada da propria sombra dessa moral cristã, tão perfeita que parece divina, tão rica de verdade que nem parece humana.

O que se vê é o contrario do que devia vê-se, e, talvez, isso se deva ao excesso a que se chegou de se dizer que o melhor homem é o que mais reza.

E' por isso que, enquanto os templos se enchem de crentes e de orações, os hospitais se esvaziam de recursos.

Bom catolicismo, não ha duvida!...

RIDENDO...

Sem pretensões a humorismo à Mark Twain nem á Guedes d'Oliveira, se inicia hoje esta cronica. O programa é simples e em pouco se resumir; apreciar, rindo, as asneiras, badoseiras e quejandas outras coisas com que os jornais monarchicos cá da terra costumam deleitar os seus pios, caros e correligionatissimos leitores; chegar por tabela a certos *jornaleiros* (sem ofensa para os que trabalham a jornal) que, não sabendo onde colocar os monarchicos e reverendissimas patinhas, pretendem a cada passo pespegar com ellas na figura e na bandeira da Republica. All Right.

Vae principiar. Suba o pano. Muito bem caçada aquela página do «Ecos de Guimarães» de 6 de Maio!!!

Esconde-te Amigo Binana, sepult-te Calino, porque outros asneirentos mais altos se levantam. O fundo, o fundo do «Ecos»! Que primor de educação, que beleza d'hortaliça nas amabilidades, que finura nas patacoadas! Que riqueza de artigo, que bom! Que rico educador de creanças se está a perder no seu autor!

A proposito do seu ex-director diz o grande jornal, que a sua fé na vitoria continua intensa, e que a esperança na volta de El-Rei é inabalavel.

A fé deve ser tão intensa como quando se fingia republicano, e ácerca da volta de El-Rei, que vá para a Ericeira, como pescador de carangueijos, que talvez ele volte. Talvez, talvez, talvez... Recomendo-lhe porém que se faça acompanhar de lavadeiras especialistas em cuecas regias.

Vae ó les pois, o mesmo periodico, volta com a republica de Ladrões e atira-se cá á «Razão» a dizer que toda se sara-coteia. E' engano, cá pela casa não ha disso. Isto não é a Liga...

E segue... Haja egualdade, grita o pandego, só porque o penso dos cavalos da Guarda é mais caro que o dos do Exercito.

Olhe, tenha paciencia e espere. No Cosme talvez seja peor, mas se lhe calhou ir para o Exercito, porte-se bem e não apanhe castigos, porque pode ter esperanças de passar á Guar-

Terno olhar

*Os teus olhos da côr do firmamento
Que brilham d'alegria fascinante
Tem a magica luz de encantamento
Com que um dia Beatriz eucantou Dante.*

*Desditoso, sem força e sem alento
Hei caminhado qual Judeu Errante
Em busca dessa luz, doce alimento
Da minha alma dorida e lacrimante*

*Encontrei-a afinal e nessa hora
O meu destino triste teve aurora
Que tanto tempo andou a procurar*

*Permita Deus agora que essa luz
Que tanto me eucantou e me seduz
Jamais deixe aos meus olhos de brilhar.*

Roy.

da. E' questão de tempo e de aprender a escrever melhor.

O «Ecos» diz ser o jornal de maior circulação em Guimarães. Lá isso é, e vê-se pela concorrência que faz ao papel higienico. Pode não servir para mais nada, mas para isso... *tablan*.

Depois brinca o parceiro, com a Torre e Espada.

Podia brincar com outra coisa, e ficava-lhe melhor.

Era mais correto, e mais bonito. Isto de brincar com a paga sagrada com que a Patria premia os seus filhos diletos, nem é nojento nem asqueroso, é simplesmente despresivel. Mas que diabo, lá porque os cães ladram á Lua, nem por isso ela deixa de lhes mandar os seus raios de prata.

Vae terminar a representação de hoje, com o mimo literario dum tal Faria de quem o «Ecos» publica um excerto. Faria da minha alma, dou-lhe um doce, um pastel, uma moeda de cinco, ou meio tostão rasgado, se você for capaz de me explicar aquela especie de soneto. Aquela voz azul e branca a amanhecer, que delirio! Ele ha muitas vozes taes como de baritono, de baixo e tambem ha vozes de burro, mas vozes azues e brancas é que nunca ouvi. Só se fôr a voz de galo que canta ac amanhecer.

Muito bem dito aquele *silencio estelar*, sim senhor, muito bem dito.

Pois é verdade, está mesmo muito bem dito. Claro, é uma

perfeição. Sôa muito bem, é muito harmonioso, dispõe esplendidamente e até é capaz de abrir o apetite. Enfim, está muito bem dito, mas mesmo muito bem dito, admiravelmente bem dito. Mas... que raio quer você dizer, oh Faria? Que soberba afinação a da voz ao luar a cantar!!! Com que então seu pandego, seu maroto, em Alcaçer a voz azul e branca... Oh amorzinho, você quer referir-se á bandeira, não é? Pois deixe-me dizer-lhe, sem levar nada pela lição, que a bandeira portuguesa só foi azul e branca desde 1834 até 1910. Ah... não sabia?! que pena!

Oh seu Faria, você perdôe o meu atrevimento, mas em paga da lição, diga-me: porque é que escreve Rey com i grego?

Oh homem, não comprometa o rapaz. Pois você não tem pena de lembrar pecados velhos!? O rapaz não se viu já grego e demais, quando se pizgou das Necessidades em automovel até ter de saltar para o bote da Ericeira? Tenha piedade, e deixe lá o rapaz. Basta o que basta. Pois até para lhes dar um herdeiro ele se tem visto grego, grego se viu ele para aceitar o Nuninho, e grego se ha-de vêr com os correligionarios!

E' demais, amigo Faria. Apre, que isso nem parece dum homem que é um sincero crente e um exaltado patriota.

LÊDECÊ.

Maio a 1923.

«Republica de ladrões»

O «Ecos de Guimarães», órgão monarchico como toda a gente sabe, eximio rasteirista em materia jornalística, palhaço sem espinha para todas as cambalêlicas politiquieiras, lá veio no seu ultimo numero, o methodo o vermelhão do seu odio, com todo o alvaio de seu cinismo, fazer rir a gente com as suas costumadas tiradas de cornetim consipido.

Diz ele, o referido jornal, que os republicanos, (digo, a Republica) são uns ladrões e para isso apresenta as palavras do sr. Antonio Maria da Silva tiradas á cára de maus portuguezes, em pleno parlamento!

sem duvida as palavras que o «Ecos» executou corresponderam ás notas musicas nelas expressas, com a differença sómente de que, sendo o «Ecos» um tocador de ouvido, um orêlhudo, como costuma dizer-e, atrapalhou, charangou, zabumbou, Zepereirou a «Opera» e desafinou tristemente em vulgar... cantiga.

Pobre palhaço! — Pois tu não vês que ha gente que pensa, que vê, que te conhece; que se ri de ti, que te escarnece; em quanto as crianças, os imbecis, os falsos e os empresarios, uns por incoscencia, outros por vil interesse, riem, mas quando ris, e riem mesmo quando choras, porque as tuas pinturas não deixam transparecer, não deixam ver o triste deslisar das tuas lagrimas?! Pobre palhaço!

Ladrões, pobre amigo, não são os republicanos; ladra não é a Republica!

Ouve: Ladra também não foi a monarchia! — Ladrões são os ladrões; ladrões são os que roubam, e, ladões, e, os que roubam, escuta pobre dementado, não tem idiais porque não tem cerebro nem alma; tem o arcabuz e, tem a Azambuja! Palhaço, a Republica não rouba!

Os homens da Republica, como os homens da monarchia, também não roubam! Roubam, como te disse, roubam os ladrões e roubas tu porque a tudo pilhas a verdade!

Pobre palhaço!

X.

POEMAS

Foi sempre mania lo portuguezinho valente, foi sempre pecha da raça isto de dar opinião em tudo e a proposito de qualquer coisa. Eu não posso fugir á regra desta vez. Não posso, não me contenho ante esta manifestação de talento poetico azul e branco que esplende gazoso a mais não poder ser, nesta composiçõesinha que acabo de ler. Simples é ela e tão simples e tão ingenua que a diries feita por loira criança de limitados anos, naquela idade em que até o jogo do botão tem poesia e a cabra-cega pro-

veca sonhos com uma facete opina. Não me contenho. Lado, azul e branco, novo ramo poético muito sub-tapeço em viverie — todo eu me entrego ante os laureos fartos destes trovadores lacrimajantes, lunaticas provas daquella remota alma troveira que revestiu de lenda e de canticos tanto as nossas glorias, como as nossas reveses.

Todo eu sou tremuras, fico lanhe, ha diante destes vates que, com os olhos videralmente em branco, nos cantam as suas maguas e os seus apetites em trovas que gemem nas articulações como porta velha em gonzos ferrugentos. Ante isto fica lanhechas, fico grego, fico gago, minha rica senhora do C, como se por cima deste meu misero esqueleto tivesse passado o colosso de Rhodes. Na verdade, tanta inspiração, estro tão sublime, só para chatar um crião é que ao mundo vieram!

Qual Canões nem qual carapuça; qual Bocage nem qual boné! Isto fia mais fino, seus poetorios das duzias, que nunca viram o amañechar duma voz azul e branca! Lá para longe, seus safardanas, que os não dotou Deus com uma alma candieiro, alma de luz, nem pertenceram a nenhuma confraria e é por isso que a sua voz nunca disse, nunca cantou, nunca gritou, azul e branca I mãos, irmãos! Viva elle! Isto sim, que é de se lhe tirar o chapéu. Isto é outra loica!

É tanta a inspiração que chega para dar e vender; e é tanto o estro que cá estou eu já impregnado dele; sinto-me arrebatado, impellido para esse mundo estelar de vozes azuis e brancas — que có teria a voz do divino Casado? — cheio de poesia, preñbe de versalhada e... rebento e estoiro, se isto não sai cá para fóra. Ai de mim, que também vou fazer! Acudime, ó Tagides; acodime angusta Minerva! Que me valha o Olimpo em peso! Isto tem de ser. Mais um feito... Assim... Agora... Pronto!

O' senhora das Candeias,
Que morais no infinito,
Essa voz azul e branca
Não será voz de cabrito?

Corri trez vezes o mundo
A cavallo numa tranca;
Vi tudo. Vi Seca e Mecá,
Menos voz azul e branca.

Subi dos montes ao alto,
Desci dos mares ao fundo,
Nunca a vi, por isso creio
Que é voz do outro mundo.

DÓRIO.

VIDA POLITICA

Acaba de ser nomeado delegado do Partido Republicano Radical, no distrito de Braga, o nosso presado amigo, capitão Henrique Alberto de Sousa Guerra.

NOTICIARIO

Já se encontra entre nós, no vamente, o illustre Capitão Souza Guerra, que para lá boa tinha ido em goso de licença.

Os nossos cumprimentos.

Foi colocado no Regimento Infantaria n.º 2º, desta cidade, o Ex.º Sr. Capitão Mergulhar, que, no Tribunal de Santa Clara, respondeu como implicado nos acontecimentos de 19 d'Outubro.

As nossas saudações de boavinda.

Acaba de regressar de Lisbon, o nosso presado amigo e colaborador, Ex.º Sr. Capitão Diarte Fraga, que ali foi convidar o Illustre Ministro da Guerra a vir assistir a festa da condecoração da bandeira do nosso regimento, que se deve realizar brevemente nesta cidade.

Foi nomeado ajudante do notario desta comarca sr. José Marques Loureiro, o sr. Manoel Bravo de Faria, da vizinha vila de Vizela.

Os nossos parabéns.

A PROPOSITO...

Vou-lhes contar uma historia que a ouvi a dois industriaes e que pela sua originalidade merece ser conhecida de todos, tanto mais que é a pode muito bem servir de lição a muita gente que anda embriagada com a riqueza que possui, não se lembrando sequer que essa riqueza é ficticia.

Um negociante de fazendas tinha antes da guerra empregado no seu estabelecimento 30 contos que era o quantitativo da sua fortuna naquella época; veio a guerra e o mesmo negociante começou a ver os seus capitães a aumentar, aumentar e apesar das suas despesas serem também avultadas, o dito negociante via que no fim do ano que o seu balanço lhe accusava um saldo positivo de 400 contos.

Começava já a achar-se um potentado da actualidade, quando se lembrou de verificar se no seu estabelecimento existiam o mesmo numero de peças de diversas fazendas, que existiam quando ele só tinha os 30 contos de capital mas, ... que desilusão! ... o homem cahiu das nuvens ... com o grande capital que agora possuia pouco mais tinha em deposito que metade do numero de peças que tinha, quando sómente tinha os 30 contos.

Mas este comerciante cuja historia acabo de contar, ainda tem remedio, sem o ir buscar a Prado, pois basta, para isso somente evitar os seus gastos

superfluos de novo ricar conseguiu assim o aumento do seu capital, de maneira a ter no seu estabelecimento, peças de fazendas em numero igual a quele que tinha antes da guerra e com o capital de 30 contos e uma vez que assim proceda esperar por esses tão apregoados emprestimos, interno e externo, tantas vezes annunciados e nunca chegados.

Emquanto o negociante a que me refiro vai aumentando os seus capitães e se vai prevenendo para todas as descidas e subidas e sempre com probabilidades de encher cada vez mais os seus cofres, vejamos o que é que tem a fazer um funcionario publico antes da guerra 550 escudos, ganha na actualidade 500 escudos.

Este, em vez de contar as peças de pano que não as tem para venda e em vez de evitar as suas despesas superfluas, que não as faz, resolve confrontar os preços de antes da guerra com os actuaes de tudo aquilo que é necessario á vida e chega á conclusão que a vida encareceu 22 vezes mais. Reduzido o seu capital mensal ao valor que lhe era attribuido antes da guerra verifica que os seus 500 escudos, em moeda forte, somente valem 2272,7, e, por consequencia vendo que sendo funcionario publico que não pode viver, resolve ir para comerciante vender qualquer coisa ainda mesmo que sejam alhos e comprar cebolas, pois este negocio apesar de insignificante dá-lhe mais proveitos que estar á trabalhar para uma sociedade que não contribue para o estado com o suficiente para que os seus vencimentos sejam actualizados.

A. J. C.

EDITOS DE 30 DIAS

(1.ª Publicação)

Correm no inventario orfanologico que neste Juizo e cartorio do segundo officio se processa por obito de Manuel Vitorino da Silva Guimarães, casado que foi com a inventariante D. Leocadia Malheiro Guimarães, também conhecida por D. Leocadia Maria da Conceição, do Largo da Oliveira, desta cidade, citando para assistir aos termos do mesmo inventario, até final, sem prejuizo do seu regular andamento, os cõherdeiros Laura Guimarães, maior, e seu marido, sendo casada, — Candida e Amaro, menores, e o seu legitimo representante, — todos netos do inventariado por serem filhos de seu falecido filho Anibal Vitorino da Silva Guimarães, — e Raul, de 20 anos de idade, bem como sua mãe D. Nodina Ribas Guimarães, aquele também neto do inventariado por ser filho do seu falecido filho Raul Vitorino da Silva Guimarães, que fóra casado com a dita senhora, — e todos auzentes em parte incerta da Republica dos Estados Unidos do Brazil.

O prazo dos referidos editos conta-se da segunda e ultima publicação do anuncio. Guimarães, 23 de Abril de 1923.

Verifiquei a exatidão

O Juiz de Direito

Amadeu G. Guimarães.

O escrivão do 2º officio

Serafim José Pereira Rodrigues.

Officina de vassouras e escovas de piassaba e espanadores de cabelo

Clementino Machado

Mêdêlo — FAFE

Concerta só as vassouras

fabricadas nesta officina

Estabelecimento de Fazendas Brancas e Miudezas

Matos, Teixeira & C.ª

88 - Praça de D. Afonso Henriques - 88

Fernandes Guimarães & Irmão, Sucessores

RUA DA REPUBLICA, 88 a 92 --- GUIMARÃES

DEPOSITO DA POLVORA DO ESTADO

Vidraria, cristais e louças. Tinta, óleos, vernizes e cimento. Artigos para caçadores.
Grande sortido em serviços de louça, para mesa, chá, café e lavatorio

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Quereis vestir bem e pelos ultimos figurines? Visitai a

Alfaiataria Progresso da Moda

— DE —

Gaspar Lopes Ribeiro

Rua da Republica, 93 -- 97
GUIMARÃES



Casa das Novidades

Largo da Feira do Leite --- GUIMARÃES

Papelaria, tabacaria, perfumarias e miudezas. Grande sortido em postais ilustrados. Musicas para piano e cordas para instrumentos. Caixas de papel com 50 tolhas e 50 envelopes desde 1 a 8 escudos, e muitos outros artigos a preços convidativos.

GUARDASOLARIA VIMARANENSE

Martins, Faria & C.^a, L.^{da}

51, Largo do Prior do Crato, 54 — (Junto às escadinhas)

Deposito de guardasois e chapéus. Concertam-se os mesmos
Vendas por junto e a retalho

Casa Penhorista Vimaranense

Fundada em 1886

Propriedade de PEIXOTO, ROCHA & C.^a
Legalmente habilitados

Operações sobre valores de ouro, prata, platina, pedras preciosas e papeis de cré lito

Rua da Republica, 144 — GUIMARAES

Ferragens, Cutelarias e Pentes
DE

A. J. Fereira da Cunha

38, Praça D. Afonso Henriques, 39 (Toural)

Vendas por junto e a retalho

GUIMARÃES

Antiga Casa Alemã

DE

Cardoso & Irmão

GUIMARÃES

Modas e miudezas
Fazendas brancas
LANIFICIOS

Antiga Merceria e Confeitaria
DA PORTA DA VILA

DE

Antonio de Sousa Guise

Deposito de Vinhos da Companhia Vinicola e Aguas Sameiro

24, Rua da Republica, 28 — GUIMARAES

SERRALHERIA MECANICA E CIVIL

— DE —

Antonio Gonçalves Coelho

Vigamentos, cofres, casas fortes, gradeamentos, veios, chumaceiras, tambores, etc.

EXECUTA-SE QUALQUER TRABALHO DE TORNO E FUNDIÇÃO

Largo da Republica do Brazil, 21

"A RAZÃO"

Semanario Republicano

ASSINATURAS

Semestre. 3750 centavos
Numero avulso 20

PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, contracto especial

Ao Cidadão